DIDEROT, D'ALEMBERT
E O MOVIMENTO ENCICLOPEDISTA

Olga Pombo

Num ciclo de conferencias sobre o iluminismo não poderia faltar, como não falta, a referência a Diderot e D'Alembert. Entre as "dez luzes de um século ilustrado", entre os dez "autores marcantes" que, como é dito no prospecto anunciador destas conferencias, "contribuíram para uma nova leitura do mundo", não poderiam faltar os nomes de Diderot e D'Alembert.

Porém, mais do que a inclusão destes dois nomes ilustres, Diderot, D'Alembert, os organizadores deste ciclo acrescentaram: e o movimento enciclopedista. Trata-se de uma designação cuja argúcia e precisão gostaria de realçar. È que, quando se fala de Diderot e de D'Alembert não se fala apenas de dois autores marcantes. Fala-se de muito mais do que isso. Fala-se de uma imensa aventura. De uma gigantesca ousadia. De um "movimento": a palavra é certeita!

É certo que os nomes de Diderot e d'Alembert não se confundem com a enciclopédia. Tanto Diderot como d'Alembert deixaram obras notáveis nos seus respectivos campos de trabalho. Diderot, na filosofia, no teatro, no romance, na poesia, na estética, na moral, na política. Quanto a D'Alembert, o seu *Traité de Dynamique* (1743) tinha-lhe granjeado já lugar destacado entre os mais importantes matemáticos do seu tempo. Cada um deles teria pois o seu lugar assegurado no panteon das grandes figuras em que gostamos de nos rever. Sobretudo quando, como hoje, está em baixa a nossa auto-estima enquanto espécie.

No entanto, nada se compara à capacidade que os nossos dois autores tiveram para impulsionar - -- ou terá sido desencadear, ou estimular, ou animar, ou construir, ou modelar, ou arquitectar, ou fabricar -- o movimento enciclopedista do século XVIII. Procurarei mostrar por que razão Diderot e D'Alembert não fizeram apenas mais uma enciclopédia para acrescentar ao numero já extenso das enciclopédias que os precederam, isto é, por que razão a enciclopédia que fizeram pode e deve ser designada, com propriedade, por movimento. Apontarei 6 razões.

***

1ª razão - A *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers, par une Société de Gens de Lettres, mis en ordre et publiée par M. Diderot, de l'Académie Royale des Sciences et Belles-Lettres de Prusse, et quant à la partie Mathématique par M. D'Alembert, de l'Académie Royale des Sciences de Paris, de celle de Prusse et de la Société Royale de Londres*

(1751-1765), é em geral conhecida pelo simples título de *Encyclopédie*[1] tal é o lugar incomparável que ocupa na história do movimento enciclopedista.

Trata-se, antes de mais, de uma obra colectiva. Dessa condição é feita menção no próprio título - a *Encyclopédie* é elaborada por uma "société de gens de lettres" e editada, "mis en ordre et publiée", por Diderot (1713-1784) e por D'Alembert (1717-1783).

Estamos perante uma novidade absoluta. Todo o enciclopedismo anterior, antigo e medieval, renascentista e barroco, era de autoria única. A enciclopédia recorria, é claro, a fontes anteriores, compilava fragmentos, resumia textos de diversos autores. Mas, em si mesma, ela era projectada, organizada, elaborada, por um único autor e as suas entradas, aquelas que não eram pura compilação, eram por ele redigidas ou por redactores ao seu serviço e não identificados. A única grande excepção é Leibniz que concebeu a enciclopédia enquanto obra necessariamente colectiva, que deveria ser elaborada pelos próprios sábios responsáveis pelo desenvolvimento da ciência e dos seus diversos ramos. Mas, justamente, Leibniz *concebeu*. Não realizou. Quem vai passar da *concepção* à *execução*, quem vai *realizar* a *Encyclopédie* será uma república de colaboradores - *"société de gens de lettres"* - que Diderot e D'Alembert souberam, desde o início, congregar à sua volta.

Quem foram esses colaboradores? Sábios sem dúvida, homens de ciência, juristas, geógrafos, economistas, gramáticos, mas também eclesiásticos, artistas, artesãos, etc., "todos grandemente conhecidos ou dignos de o ser"[2]

No que respeita às ciências, são chamados sábios de diversas disciplinas. Para a matemática, além de D'Alembert, o abade de La Chapelle, para a economia política, Quesnay, Turgot, Forbonnais e Necker, para a química, o barão d'Holbach (que também escreve algumas entradas de forte conteúdo político, como "representantes" e "teocracia"), para a medicina, Tronchin, Bordeu, Barthez, para o direito, Boucher d'Argis, para a história natural, Daubenton, para a gramática, Du Marsais, De Brosses, para a teologia, Formay, os abades Mallet, Yvon, Morellet e des Prades, e ainda Voltaire (autor, entre outras, das célebres entradas "História", "Espírito", "Eloquência" e da intraduzível "Finesse"), Helvetius, Condillac, Marmontel ou Montesquieu (Que colaborou com uma única entrada, inacabada, sobre "gosto"). No que toca às artes e ofícios, são chamados artistas de todos os ramos, músicos como o jovem Jean-Jacques Rousseau[3] (cuja colaboração não se restringe, contudo, à música. Da sua autoria é ainda a entrada "Economia política" que constitui um interessante esboço do *Contrato Social* que Rousseau publicará em 1762), escritores como Grimm ou Duclos, relojoeiros como Le Roy, cirurgiões como Louis, pintores como Landois, arquitectos como Blondel, militares como Le Blond, oficiais de marinha como Bellin, e também artesãos, agricultores, jardineiros, vidreiros, tecelões, trabalhadores de todo o tipo de ofícios.

---

[1] Designação abreviada que, daqui em diante, passaremos também a adoptar

[2] *Discours Préliminaire:* 17, daqui em diante referido pela abreviatura DP, seguida da página da edição citada.

[3] À data, Rousseau apenas tinha publicado o primeiro dos seus principais escritos, o *Discours sur les Sciences et les Arts* em 1750, sendo fundamentalmente conhecido como músico, autor de várias peças de câmara e três óperas.

Trata-se de uma longa lista de colaboradores que Diderot e d'Alembert souberam congregar à sua volta, cujos nomes foram desde o início revelados e a quem é a *Encyclopédie* presta preito e justiça, logo em 1751[4]

Porém, a parte mais significativa acabou por ficar para D'Alembert e, sobretudo, para Diderot. D'Alembert acompanhou a elaboração da obra desde os primeiros momentos e é autor, entre inúmeras e célebres entradas de natureza matemática, de diversas entradas sobre outros assuntos, entre as quais se destacam as entradas "Collège", "Éléments des Sciences" e "Genève", a célebre entrada em resposta à qual Rousseau publicará a sua *Lettre à D'Alembert sur les Spetacles* em 1758. D'Alembert é ainda autor do notável *Discours Préliminaire* com que abre o 1º volume. No entanto, face às perseguições constantes a que a *Encyclopédie* esteve sujeita[5], D'Alembert interrompeu a sua colaboração a partir de 1758. Quanto a Diderot, para além das descrições e legendas que redigiu para as mais de seiscentas ilustrações espalhadas ao longo dos 28 volumes da *Encyclopédie*, escreveu, à sua conta, 1139 artigos sobre os mais variados assuntos (história, direito, política, literatura, filosofia, estética, artes e ofícios, moral e teologia), tais como: *águia*, *prata*, *a seita herética muçulmana azarecah*, *meias*, *o deus vândalo belbuch*, *a serpente boa*, *bramanismo*, *montanhas do cáucaso*, *comediante*, *corte*, *forja*, *indigente*, *jornaleiro*, *luxo*, *malfeitor*, *ameaça*, *miséria*, *nomeação*, *negro*, *origem*, *vício*, *voluptuoso*. Da sua autoria são ainda o *Prospectus* e o *Système Figuré des Connaissances Humaines*, publicados ambos em 1750, um ano antes do início da publicação da *Encyclopédie*, textos que, em paralelo com a apresentação das condições de subscrição, funcionaram como o anúncio público da obra.

Há ainda que referir a dedicação extrema do Chevalier Louis de Jaucourt que, sobretudo depois do abandono de D'Alembert em 1758, se tornou o mais dedicado e precioso colaborador de Diderot. Jaucourt escreveu inúmeras entradas sobre variados temas, tanto insignificantes (como *genuflexão, mendigo, sal, ou o jogo de cartas Whisk*), como de grande impacto político e ideológico (como *democracia, despotismo, igualdade natural, escravatura, governo, guerra, indústria, inquisição, judeu, liberdade política, pátria, pintura moderna, povo* ou *superstição*). Voltaire, numa carta ao príncipe de Brunswick, considera mesmo que Jaucourt, pelo seu "trabalho infatigável" e pelos seus "vastos conhecimentos e virtudes", é o terceiro homem da *Encyclopédie*[6].

Finalmente, é necessário mencionar a plêiade de contribuições espontâneas, muitas delas anónimas, que Diderot e D'Alembert recebiam: contributos

[4] Ver em especial as extensas notas ao *Prospectus do Discours Préliminaire* em que D'Alembert enumera, com grande detalhe e minúcia, os mais importantes colaboradores da *Encyclopédie* e seus respectivos contributos (DP: 143-154).

[5] Iniciada a edição em Paris em 1751, logo após a publicação, em Janeiro de 1752, do segundo volume, será publicado em 7 de Fevereiro do mesmo ano um decreto que ordena a suspensão da publicação da obra, acusada de conter "máximas tendentes a destruir a autoridade real, a estabelecer o espírito de independência e de revolta e, sob termos obscuros e equívocos, revelar os fundamentos do erro, da corrupção dos costumes, da irreligião, e da impiedade" (cit., in Larousse (1866: XXV). Graças à protecção de alguma nobreza esclarecida, nomeadamente Mme de Pompadour e Mr. de Malesherbes, a publicação da obra irá vencendo todos os obstáculos (nomeadamente, a condenação papal em 3 de Setembro de 1759) e, em 1765, estão editados os 28 volumes que a compõem

[6] Cf. Voltaire (1825: 369).

provenientes de compiladores mais ou menos desconhecidos, que enviavam memórias, informações, observações, conselhos, esclarecimentos de diversa índole.

Esta é, pois, uma primeira razão para falar de movimento. A *Encyclopédie* é uma obra colectiva como poucas o terão sido antes e depois dela. Uma obra cuja desejada, anunciada, solicitada autoria colectiva proliferou de forma surpreendente, como se de um rastilho se tratasse. Autoria essa que, além de extensa, se estende a diversas camadas culturais e sociais: tanto as grandes figuras do tempo (Du Marsais, Quesnay, De Brosses, Turgot, Condillac, Helvetius, Rousseau, Voltaire, Montesquieu), como os contributos obscuros, provenientes das artes e dos ofícios, convidados e espontâneos, conhecidos e desconhecidos e até mesmo os incógnitos.

2ª razão - O segundo elemento que gostaria de sublinhar diz respeito a um traço comum que todos os colaboradores da *Encyclopédie* deviam possuir: espírito militante.

Como Diderot escreve, a *Encyclopédie* requer variedade de competências mas também liberdade de gestos, generosidade de ânimo. É um trabalho que exige um grupo de uns homens "ligados *somente pelo interesse geral do género humano e por um sentimento de solidariedade recíproca*"[7]. Ou seja, colegas que por vezes não se conhecem sequer, mas ligados entre si por um comum *estado de espírito* e comuns *aspirações*: "aplaude-se interiormente o que outro faz, dá-se apoio, faz-se pelo seu *colega* ou pelo seu *amigo* o que por nenhuma outra consideração se tentaria fazer" (ENC: 368). Como Diderot escreve: "Quanto ao homem que desejaria para autor, seria firme, instruído, honesto, verídico, de nenhum país, de nenhuma seita, de nenhum estado"(ENC: 435). E mais adiante: "Não há aqui nenhum interesse particular; entre nós não reina nenhuma pequena inveja pessoal, a perfeição da obra e a utilidade do género humano fizeram nascer o sentimento generoso de que estamos animados" (ENC: 417). Por isso, "A *Encyclopédie* não pode ser senão a tentativa de um século filosófico", diz Diderot (ENC: 411). Fiel à imagem paradigmática de Sócrates, Diderot define o filósofo pela *ousadia* de espírito, pela *liberdade* necessária para "ousar ver"[8], para "ousar sacudir o jugo"[9] das ideias feitas, dos preconceitos estabelecidos, pela *coragem* necessária para "derrubar as barreiras que a razão não colocou" (ENC: 412), pela honestidade e espírito desinteressado[10].

A enciclopédia supõe, pois, a emergência da nova figura do *enciclopedista-filósofo*, *amador* (*filos*) do *saber* (*sofos*) em todas as suas dimensões, homem

[7] Diderot, entrada *Encyclopédie*: 368, daqui para a frente referida pela abreviatura ENC seguida da página da edição citada.
[8] "É necessário examinar tudo, remexer tudo sem excepção", Diderot (ENC: 412).
[9] Como Diderot escreve: "fatigado do jugo recebido, ousar sacudi-lo, afastar-se da estrada comum" (ENC: 412).
[10] Como escreve Diderot: "quanto àquele que prepara actualmente uma obra sobre essa matéria, eu só o aceitaria para colega se ele fosse já meu amigo, se a honestidade do seu carácter me fosse bem conhecida e se, sem lhe fazer uma enorme injúria, eu não pudesse suspeitar de que ele era movido pelo objectivo secreto de sacrificar a nossa obra à sua" (ENC: 416).

que se define por um conjunto de qualidades intelectuais e virtudes morais. De tal modo que é possível dizer que, à duplicidade de qualidades, intelectuais e morais, que caracterizam a figura do enciclopedista filósofo, corresponde a dupla unidade de que a enciclopédia é feita - a articulação e encadeamento dos saberes - a sua unidade teórica - e a orientação desses saberes em direcção à felicidade do género humano - a sua unidade prática.

É esta a segunda razão para se falar de movimento. Estamos perante uma rara *fraternidade de espírito*, "colegas que, sem se conhecerem, parecem concorrer todos por amizade para a produção da obra comum" (ENC: 416). Estamos perante um momento singular da história da cultura em que um grupo de intelectuais (um conclave, quase uma tertúlia), vence os seus interesses particulares, une os seus esforços e, generosamente, põe as suas capacidades e competências ao serviço da perfeição da obra e da felicidade da humanidade.

3ª razão – Diderot e D'Alembert têm consciência do estatuto necessariamente colectivo da obra. E apontam duas razões para explicar por que razão a obra não poderia ser feita por um só homem – a extensão do objecto, a finitude do sujeito: Como diz Diderot: "Quando se considera a matéria imensa de uma enciclopédia, a única coisa de que nos podemos aperceber distintamente é que ela não pode ser obra de um só homem. Como é que um só homem, no curto espaço de tempo da sua vida, conseguiria conhecer e desenvolver o sistema universal da natureza e da arte?" (ENC: 363).

Curiosamente, parece haver neste ponto alguma divergência entre Diderot e D'Alembert. D'Alembert é mais explícito no que toca à exigência de recrutamento de colaboradores com uma competência particular. Como esclarece, a colaboração na enciclopédia deve ser feita por sábios e artistas, "cada um não se ocupando senão daquilo que entendia" (DP: 127), "ninguém avançando sobre o terreno do outro" (ibid.). Por seu lado, Diderot é mais abrangente. Como ele diz, "não seria impossível que um só homem se encarregasse de anatomia, de medicina, de cirurgia, da matéria médica, e de uma parte da farmácia" (ENC: 415-416). De qualquer modo, a divergência assinalada não ultrapassa a amplitude que a época permite. Ao reclamar a colaboração de sábios com uma competência específica numa determinada área, D'Alembert não está a pensar ainda no *especialista* enclausurado no seu estrito domínio de conhecimento e ignorante de tudo o mais que o desenvolvimento científico dos séculos seguintes irá produzir. Por seu lado, Diderot estaria pronto a recusar a hipótese de que o enciclopedista pudesse ser o *generalista* mais ou menos diletante que se vai constituir à margem da especialização da ciência, como seu subproduto. Estamos ainda no século XVIII, quer isto dizer, o homem de cultura é uma figura que consegue abarcar com profundidade o essencial do saber do seu tempo. A divergência que assinalámos é porventura real, sintomática mesmo das rápidas transformações intelectuais que se vão produzir mais tarde, a partir do século XIX. Neste momento, porém, tanto d'Alembert como Diderot estão ainda a pensar em verdadeiros *amadores* das letras, das artes e das ciências**,** como eles, aliás, também o são.

Tocamos aqui uma terceira razão para falar de movimento. Estamos perante uma comunidade à qual vai caber a tarefa imensa de fazer o balanço de três

séculos de ciência, dar conta de uma Matemática e de uma Física que, depois de Descartes, Leibniz e Newton tinham já alcançado o seu estádio clássico, de uma Química que, com Lavoisier, se encontrava em fase de plena constituição, de uma Biologia que dava passos decisivos com Lineu e Buffon, enfim, de um conjunto de novidades metodológicas e conceptuais introduzidas sobretudo pelo *L'Esprit des Lois* (1748) de Montesquieu e pelo *Essai sur les Moeurs* (1756) de Voltaire, obras que prefiguravam já algumas das ciências humanas que o século XIX irá ver constituírem-se, nomeadamente a História e a Sociologia.

Tarefa gigantesca, cumprida quase sempre com elevado nível. Por exemplo, no que diz respeito às contribuições de Du Marsais e De Brosses, nomes maiores da gramática e das futuras ciências da linguagem, ou dos fisiocratas, fundadores, antes de Adam Smith, da economia política. O que não implica que não haja algumas falhas dignas de referência. A *Enciclopédie* teve a colaboração de M. Daubenton, "digno colega de M. de Buffon", mas não teve a colaboração de Buffon ele mesmo. Do mesmo modo, Lineu, Barthez ou Euler, não colaboraram na *Encyclopédie*. Também na área das humanidades, por exemplo, Beauzée e Fontenelle não colaboraram na *Encyclopédie*[11].

4ª razão – a quarta razão diz respeito a uma outra figura necessariamente implicada na realização da *Encyclopédie*: o editor. Figura que aparece imediatamente no título da obra: a *Encyclopédie* é editada - *"mis en ordre et publiée"* - por Diderot e D'Alembert. Trata-se de uma condição que ambos assumem sem ambiguidades e que, aparentemente modesta e diminuta, vai revelar-se de primordial importância.

Ao editor cabe, desde logo, o trabalho de escolha e coordenação das colaborações: escolher os colaboradores dando "preferência àqueles que tivessem escrito com sucesso sobre a matéria de que se encarregariam" (ENC: 416), "distribuir a cada um a parte que lhe convinha" (DP: 127), reunir as suas contribuições zelando para que elas não tivessem um desenvolvimento excessivo antes dessem a informação necessária e suficiente sobre o tema tratado, "preencher os vazios" (DP: 129) quando certos tópicos, "parecendo pertencer a muitos (colaboradores) não foram tratados por nenhum" (DP: 130), encarregar-se, enfim, de todas aquelas entradas de que ninguém se ocupara.

Se a *Encyclopédie* fosse apenas um inventário, uma acumulação quantitativa de conhecimentos, este trabalho de coordenação seria desnecessário. Como diz D'Alembert, bastaria que cada colaborador "fizesse um dicionário da parte de que se encarregou e nós (os editores) reuníamos todos os dicionários num conjunto" (DP: 127). Mas a *Encyclopédie* é mais que um dicionário. A especificidade do projecto enciclopédico de Diderot e D'Alembert consiste, justamente, na procura de formas de conjugação entre as vantagens do dicionário e o respeito pela unidade dos saberes que, desde a sua raiz etimológica (eu kuklios paideia), determina a ideia de enciclopédia. O *Discours Préliminaire* é bem claro: "A obra que agora começamos (e que desejamos

[11] Muito assinalado é o facto de, na Matemática de que fundamentalmente D' Alembert se ocupou, haver uma excessiva importância atribuída à mecânica em que D' Alembert era especialista. Sobre este tema, veja-se por exemplo, Pons (1963: 97).

terminar) deve expor, tanto quanto possível, a ordem e o encadeamento dos conhecimentos humanos" (DP: 18). Quer isto dizer que, se, como "dicionário", ela podia contentar-se com uma acumulação quantitativa de conhecimentos diversificados alfabeticamente apresentados, como *Encyclopédie* ela pretende mostrar a unidade, as relações - a ordem e o encadeamento - entre os diversos objectos do nosso conhecimento.

Assim sendo, outros tipos de tarefas vão ter que ser realizadas. E essas tarefas são da responsabilidade dos editores. Para que haja ordem e encadeamento entre os conteúdos das várias entradas têm os editores que solicitar dos colaboradores que, embora "cada um não se ocupando senão daquilo que entendia" (DP: 127), redijam intencionalmente os seus *artigos* como *entradas* de uma enciclopédia[12], que, se mantenham no interior daquilo que lhes foi proposto tratar, sem que isso os impeça de remeter para domínios de que não tratam mas que estão próximos, que não se ocupem daquilo de que outros se hão-de ocupar, mas que, simultaneamente, abram portas, lancem pontes, estabeleçam relações, isto é, "façam de modo a que as ciências se comuniquem e se toquem" (DP: 128). Por outras palavras, para redigir uma entrada particular, é necessário ter já alguma ideia da totalidade da enciclopédia. Não se faz uma enciclopédia sem uma ideia prévia de enciclopédia. É a compreensão do todo virtual da enciclopédia que vai permitir circunscrever a parte, compreender os seus limites, as suas relações, a sua situação no conjunto. E, nesse sentido, cabe ao editor a tarefa de *definir*, o plano geral da obra, *traçar* um quadro sistemático dos conhecimentos humanos no interior do qual as várias entradas hão-de encontrar o seu lugar, ordem e articulação, *garantir* que o plano traçado seja efectivamente realizado, que a unidade almejada seja alcançada, encontrar os mecanismos de elaboração da enciclopédia que permitam *concretizar* essa unidade.

Tal implica conquistar *um ponto de vista suficientemente elevado* para que se possam *aperceber* em simultâneo as principais ciências e artes, *ver* num relance os objectos das suas especificações e as operações que se podem fazer sobre esses objectos, *distinguir* os ramos gerais dos conhecimentos humanos, os pontos que os separam e os unem, *entrever* mesmo algumas estradas secretas que os aproximam. Trata-se, em síntese, de construir uma espécie de *mapamundo* que deve mostrar os principais países, a sua posição e dependência mútua, que deve revelar os caminhos que vão de um a outro, caminhos frequentemente obstruído por mil obstáculos que não se deixam conhecer pelos habitantes e viajantes de cada país

Tarefas, pois, que supõem que os editores se coloquem na perspectiva do *filósofo*, aquele a quem é permitido ver todo o labirinto constituído pelos conhecimentos humanos, na sua diversidade e imbricação. Uma vez conquistada essa posição platónica e panóptica, o filósofo está em condições de poder exercer as suas capacidades de análise e de síntese. Ele pode então "*aperceber* em simultâneo as principais ciências e artes", "*ver* num relance" o

[12] Como D' Alembert escreve: "se fosse questão de fazer de cada ciência ou de cada arte um tratado particular na forma ordinária e de reunir somente esses diferentes tratados sob o título de *Encyclopédie*, teria sido muito mais difícil reunir um tão grande número de pessoas, e a maior parte dos nossos colegas teria certamente preferido publicar separadamente a sua obra a vê-la confundida com um grande número de outras" (DP: 128).

jogo labiríntico das suas próprias construções teóricas, *distinguir* as disciplinas do conhecimento humano, nas suas ligações e afastamentos, *entrever* as passagens secretas, as relações, os caminhos, as saídas. Nesse labirinto vai, pouco a pouco, reconhecendo as ciências e as artes na sua contiguidade, no jogo das suas proximidades e distâncias, as relações que entre elas se estabelecem, a cadeia que as liga, atravessa e une. Qual *cartógrafo* experimentado, o enciclopedista-filósofo pode agora traçar o mapamundo (a "Árvore" dos conhecimentos humanos ou *Système Figuré*) e elaborar as cartas particulares (as entradas da *Encyclopédie*). E pode dar indicações aos seus colaboradores nesse sentido.

Não muito longe do lugar de Deus, o filósofo é aquele que vê a totalidade, que a sobrevoa, que dá conta da sua ordem e unidade. Porém, não é o mundo que se desenrola aos seus pés mas a sua representação simbólica. Não é da ordem do mundo e da sua unidade que o filósofo se apercebe. O que lhe é dado ver não é o mundo, mas a cartografia das ciências e das artes que o representam. Digamos que, no momento em que Deus deixa de ser o centro da organização do mundo, a sua fonte primeira e última de sentido, o filósofo toma o seu *lugar,* mas não ocupa as suas *funções*. O labirinto que o filósofo perscruta não é o labirinto do mundo, mas o labirinto das ciências e das artes, esse inextricável emaranhado constituído pela "nomenclatura obscura" que cada ciência inventa para si própria, pela complexidade das suas terminologias particulares, dos seus instrumentos, das suas "máquinas e manobras" [13]. Como escreve D'Alembert, retomando a metáfora barroca do labirinto, "o sistema geral das ciências e das artes é uma espécie de *labirinto*, de caminho tortuoso em que o espírito se envolve sem conhecer suficientemente a direcção que deve tomar" (DP: 58).

É justamente por isso que se torna necessário que o filósofo se erga a uma posição cimeira que lhe permita ver, não já os segredos do mundo (de que Deus era causa, fim e razão de ser), mas as encruzilhadas e desafios dos conhecimentos humanos. Por outras palavras, o mundo informe da natureza tem já uma forma que é a forma da cultura. Para lá dessa múltipla e caótica mediação que as ciências, as artes e os ofícios estabelecem, está certamente o mundo. Mas a relação cognitiva do homem com o mundo é doravante contingente e aberta. "Tal como nas cartas gerais do globo que habitamos, os objectos estão mais ou menos próximos e apresentam-se diferentemente segundo o ponto de vista em que se coloca o geógrafo que construiu a carta, da mesma maneira, a forma da árvore enciclopédica dependerá do *ponto de vista* em que nos colocarmos para olhar o *universo literário*. Podemos pois imaginar tantos sistemas diferentes do conhecimento humano quantos os mapa-mundos de diferentes *projecções* e cada um desses sistemas poderá mesmo ter, com exclusão dos outros, uma qualquer vantagem particular" (DP: 60, sublinhados nossos).

[13] É agora D' Alembert quem escreve: "À medida que trabalhávamos, vimos a matéria estender-se, a *nomenclatura obscurecer-se*, as substâncias reportadas a uma multidão de nomes diferentes, os instrumentos, *as máquinas e as manobras* multiplicar-se desmedidamente, e os numerosos desvios de um labirinto inextricável complicarem-se cada vez mais" (ENC: 411, sublinhados nossos).

É impossível ser mais explícita a renúncia à figura do fundamento. Trata-se, doravante, de aceitar o carácter provisório e historicamente situado de toda a síntese. Trata-se de - sobre o mundo, por em cima do mundo, entre o homem e o mundo - construir um mapa que reproduza, não já a *ordem das razões* como queria Descartes (para quem, todavia, o mundo continuava a ser geometricamente apreensível e susceptível de uma exposição linear dedutiva, para quem as ciências continuavam a ser reconstruções racionais humanas da razão divina), menos ainda a *ordem das coisas* que, invariavelmente, remete para uma qualquer figura da divindade, mas tão só a *ordem dos saberes*, heterogénea das duas precedentes e, ao contrário delas, precária, contingente, mutável.

Estamos face à emergência de uma terceira ordem, porventura demasiado humana - a fragmentária e imprecisa ordem cartográfica dos saberes. Num *mundo* sem Deus, num mundo que não necessita da figura de Deus para se deixar compreender, num mundo que, finalmente, já não é *Mundo*, mas *Terra*, *Universo, Natureza*[14], que se oferece, na sua mudez, obscuridade e silêncio, aos olhos da razão e às razões da experiência, o homem é o novo centro, o pólo capaz de dar voz, de criar e difundir universalmente a luz que de si emana, de produzir sentido. Como escreve Diderot: "O homem é o termo único de que é necessário partir e ao qual é necessário tudo reconduzir" (ENC: 395).

Se o mundo tinha em Deus a sua causa última e primeira, o seu sentido, se o homem era o filho de Deus, capaz apenas de conhecer com os meios que Ele havia posto ao seu dispor, Deus era, em última análise, o sujeito e o objecto único do saber humano. No lugar de Deus está agora o homem. Homem que a própria *Encyclopédie* define como "um ser que se senta, que reflecte, que pensa, que se passeia livremente sobre a superfície da terra, que parece estar no cimo da escala de todos os outros animais que ele domina, que vive em sociedade, que inventou as ciências e as artes, que tem uma bondade e uma maldade que lhe são próprias, que se deu a si mesmo mestres, que fez leis..." (*Encyclopédie*, "Homme", vol. VIII: 256).

É este homem concreto, ser biológico e social, criador de cultura, ser ético, religioso e político que é agora, não apenas o centro do mundo, mas o pólo unificador de todas as ciências, capaz como ninguém de lhes dar coesão, ordem e encadeamento, seu sujeito comum e seu objecto último [15].

[14] Se o "Mundo" medieval vive na mais estrita dependência em relação a Deus que sobre ele exerce um constante controle por intermédio, quer de uma providencial regularidade e finalidade, quer de uma vontade particular ou milagrosa, o conceito moderno de "Natureza" é, pelo contrário, o de uma realidade que se oferece à inteligência humana como objecto de experimentação e quadro de uma expansão cognitiva indefinida. Sem que, pelo menos de início, isso corresponda a uma verdadeira operação de dessacralização (o naturalismo renascentista é um vitalismo mágico e o panteísmo, de Giordano Bruno a Spinoza, tudo menos um materialismo ateu), a natureza, uma vez criada, passa a ter uma existência autónoma, as suas próprias leis, uma inteligibilidade imanente aos fenómenos naturais que a ciência moderna pode doravante investigar.

[15] Porque o homem é o *centro temático* da *Encyclopédie*, os *critérios sistemáticos* para organizar os saberes só podem ser aqueles que partem do homem e que tomam as faculdades humanas como princípio organizador dos conhecimentos por elas construídos. A classificação proposta, apresentada pela primeira vez por Diderot sob a forma de *Système Figuré des Connaissances Humaines* e retomada por D' Alembert no final da primeira parte do *Discours Préliminaire* (DP:

Temos pois aqui a 4ª razão para falar de movimento. A *Encyclopédie* é um dispositivo fundamental na transformação da nossa ideia de mundo, na preparação da morte de deus e na composição do terreno onde irão nascer as ciências humanas. O que é novo não é tanto considerar que o homem é o *centro* do mundo. O humanismo de Erasmo, Montaigne ou Juan Luis Vives tinha já afirmado isso[16]. Também o racionalismo crítico de Descartes tinha já postulado isso. O que é novo não é sequer considerar o homem como o *sujeito comum* de todas as ciências. S. Tomás, Descartes, Locke ou Leibniz tinham já reconhecido isso. O que é novo aqui é afirmar que o homem é, para além de *sujeito* dos saberes, o *objecto* último de todas as ciências. Tal equivale a reconhecer que, em última instância, todas as ciências *falam do homem* na medida em que o homem se revela naquilo que cria e se constrói naquilo que produz, na medida em que, para estudar o homem em geral, há que conhecer as obras de que ele é, simultaneamente, autor e resultado, há que perscrutar quem ele é na totalidade das suas criações . Tal equivale ainda a reconhecer que todas as ciências são para o homem, estão ordenadas à sua felicidade[17]. Estamos aqui face ao emergir da "ciência humana" de que falam Diderot[18] e D'Alembert[19], entidade que prepara e anuncia a constituição das ciências humanas no século seguinte.

É também então que, pela mão de Rousseau, o homem se torna objecto de narrativa. As *Confissões* de Rousseau são o momento em que a figura da interioridade, da relação a si, do indivíduo, adquire a centralidade que outrora pertencera ao Cosmos e a Deus.

5ª razão – O quinto elemento diz respeito às tarefas que Diderot e d'Alembert assumem no sentido de transformar o diccionário em enciclopédia. No interior de uma ordenação alfabética. cómoda e fácil para o leitor, importa construir um sistema de reenvios que permitam recuperar para a *Encyclopédie* aquela relação pela qual "as ciências comunicam e se tocam" (DP: 128).

O *primeiro tipo de reenvio*, que poderíamos designar por classificativo ou integrador, consiste simplesmente em indicar "o nome da ciência à qual a entrada pertence" (DP: 71). Logo após o título que identifica o assunto fundamental da entrada, é colocado (entre parêntesis) o nome da ciência que se

---

57-73), é pois de assumida inspiração baconiana, classificando os diferentes saberes em função das faculdades humanas por eles mobilizadas.

[16] Daí que a afirmação de Alan Pons (1963: 83), segundo a qual se daria na *Encyclopédie*, e no lugar que nela é reservado ao homem, uma verdadeira revolução copernicana, nos pareça excessiva na medida, justamente, em que esquece que o humanismo iluminista é uma figura tardia, só possível depois do humanismo renascentista e do racionalismo cartesiano.

[17] Como mostra Paul Hazard (1963: 23-34), o homem do século XVIII está obcecado pela ideia de felicidade, já não espera a salvação numa outra vida, quer realizá-la sobre a terra de forma imediata, procura impacientemente construí-la pelas suas próprias mãos, reclama-a não apenas como um direito extensível a todos mas como um dever da inteligência.

[18] No próprio *Système Figuré des Connaissances Humaines* a expressão "ciência do homem" constitui, juntamente com a "ciência da natureza", uma das divisões da "filosofia" (DP: 180-181).

[19] Não é fácil, diz D' Alembert, "reunir num sistema que seja único os ramos infinitamente variados da ciência humana" (DP: 19). De modo paralelo, também Lessing (1780: em especial § 4, 91), dirá: "o mais nobre objecto de estudo para o homem é o homem".

ocupa desse assunto[20]. Um *segundo tipo de reenvio*, que poderíamos designar por entre-expressivo ou intra-enciclopédico, consiste na "ligação da entrada com outras na mesma ciência ou numa ciência diferente" (DP: 71). O reenvio é então feito, ou no fim da entrada: "veja tal ou tal outra entrada..."[21], ou no interior do próprio texto da entrada, sempre sob a forma de palavras em maiúsculas[22].

Se o primeiro tipo de reenvio permite situar cada entrada particular no sistema geral dos conhecimentos humanos, isto é, localiza a parte no todo, o segundo tipo liga as partes entre si, permite circular de uma entrada a outra e, portanto, de uma ciência a outra ciência ou de uma região a outra região do mapa global da ciência[23]. Tanto num caso como no outro, o grande objectivo do sistema de reenvios é promover a função heurística da enciclopédia. Como escreve D'Alembert, "não citamos factos, não comparamos experiências, não imaginamos métodos senão para levar o génio a abrir-se para caminhos ignorados e a avançar para descobertas novas, olhando, como se de um primeiro passo se tratasse, para o lugar em que os grandes homens do passado terminaram a sua corrida" (DP: 133). Por seu lado, Diderot quer além disso, retirar do sistema de reenvios uma *eficácia ideológica* imediata. Na verdade, quando necessário, eles permitem "opor as noções, contrastar os princípios, atacar, destruir, inverter secretamente algumas opiniões ridículas que não se ousaria insultar abertamente" (ENC: 402). Assim usados, eles "operam prontamente sobre os bons espíritos e infalivelmente e sem nenhuma consequência desagradável, secretamente e sem qualquer espavento, sobre todos os espíritos" (ENC: 403). O mecanismo consiste em estabelecer relações não apenas internas mas *secretas* entre duas ou mais matérias. Um dos exemplos mais célebres, escolhido pelo próprio Diderot para explicar este tipo de reenvio (cf. ENC: 405), é o da entrada *cordeliers*, respeitosamente dedicada aos franciscanos, mas que reenvia para a entrada *capuchon* na qual os mesmos franciscanos são violentamente ridicularizados[24].

O procedimento é o seguinte: nas entradas mais importantes, aquelas que, mais facilmente, poderiam ser alvo de suspeita por parte das autoridades políticas e eclesiásticas, nos pontos que, naturalmente, iriam ser objecto de uma atenção mais vigilante, a *Encyclopédie* professa as teses mais inofensivas e ortodoxas. Porém, espalhadas entre estas, em lugares insuspeitos, entradas aparentemente inofensivas servem de pretexto para desenvolvimentos muito pouco ortodoxos sobre questões de moral, religião e política[25]. Como diz

[20] Por exemplo, a entrada *Bomba* remete para arte militar, o nome de uma cidade ou país pertence à geografia, etc

[21] Na entrada *Basilic* é feito um reenvio no fim do artigo sob a forma: "veja PLANTA", (*Encyclopédie*, vol. II: 116).

[22] Por exemplo, na entrada "biblioteca", o reenvio aparece no interior do texto sob a forma "falaremos desta ordem no artigo CATÁLOGO" (*Encyclopédie*, vol. II: 228). Na entrada Cassiopeia há diversos reenvios intra-enciclopédicos em diferentes momentos do artigo tais como "veja CONSTELACÃO", "veja COMETA e ESTRELA" (*Encyclopédie*, vol. II: 747).

[23] Starobinsky (1970: 286) sugere a aproximação entre este tipo de circulação interna entre diversas entradas e o sistema de vias de comunicação, em franco desenvolvimento na época.

[24] Alguns autores vêem na prática deste tipo de reenvio sobretudo um mecanismo de fuga à censura e à perseguição a que a *Encyclopédie* estava sujeita. Cf., por exemplo, Wilson (1957: 111).

[25] Alguns dos exemplos mais célebres: *aigle, agnus scythicus, junon, gomaristes*.

Starobinsky (1970: 287), "a livre crítica exerce-se sob a camuflagem de um vocábulo anódino".

A prática do reenvio permite, pois, efeitos de persuasão e dissimulação que o espírito crítico iluminista aproveita de forma perspicaz e determinada. O que estou a sugerir é que, para Diderot e D'Alembert a *Encyclopédie* é sobretudo veículo de novas ideias. Para tal ela deverá, não apenas *instruir* mas também *esclarecer*. Como D' Alembert escreve, há que *informar* mais pessoas porque assim se ganha "um maior número de juízes *esclarecidos*" (DP: 217, sublinhados nossos). À *Encyclopédie* compete dar elementos informativos mas também críticos e polémicos, registar os progressos que a humanidade tem feito ao longo do tempo mas também denunciar a superstição, o fanatismo, a tirania, tudo o que entrava a liberdade e a felicidade dos homens.

Estamos, portanto, perante uma quinta razão para falar de movimento. Para lá da informação que oferece, a *Encyclopédie* propõe uma outra maneira de olhar o mundo. Em paralelo com *respostas* sabiamente elaboradas sobre temas científicos, artísticos e técnicos, a *Encyclopédie* veicula *inquietações* que sacodem os preconceitos e as certezas cristalizadas, apresenta *razões* que iluminam as trevas da ignorância, do fanatismo, da superstição, desenvolve argumentos que abalam as crenças e a dogmática estabelecida. Numa época de autoritarismo político e dogmatismo religioso, a *Encyclopédie* defende vigorosamente a liberdade de pensamento[26], combate o despotismo e a tirania[27]. Assim se explica que a *Encyclopédie* tenha sido alvo do furor inquisidor dos que, para defender os privilégios da Igreja e o controle que esta tinha sobre as actividades intelectuais em França, perceberam que era necessário combater violentamente a possibilidade, cada vez mais ameaçadora, de constituição de um estado moderno, independente da tutela religiosa.[28] Por outras palavras, a *Encyclopédie* propõe um discurso contínuo que subjaz à descontinuidade alfabética. Por detrás (ou por baixo) do texto fragmentário e informativo da *Encyclopédie*, corre o rio, poderoso e violento, de um discurso pleno e persuasivo.

6ª razão - Resta-nos analisar de que modo a *Encyclopédie* contribui para a constituição de um público enquanto categoria epistemológica e política. Esta será a sexta e última razão aqui apontada para se falar de movimento.

---

[26] Como Diderot escreve na entrada a*utorité politique*, "a liberdade é um presente do céu e cada indivíduo da mesma espécie tem o direito de usufruir dela tanto quanto usufrui da sua razão" (in Pons, 1963: 137).

[27] Partindo do conceito de soberania dos teóricos do direito natural, em especial Grotius e Pufendorf, os enciclopedistas não põem em causa a autoridade monárquica desde que respeitadora dos direitos e das liberdades fundamentais dos povos (veja-se por exemplo a gouvernement da autoria de Jaucourt). O seu combate contra a tirania leva-os a defender, ou o despotismo esclarecido de um rei filósofo como Frederico II da Prússia (vejam-se as entradas de Diderot A*utorité politique e Prusse*, ou uma monarquia limitada e representativa de estilo inglês (veja-se a entrada *Représentants* da autoria de D' Holbach). Como mostra Alan Pons (1963: 102-105), os enciclopedistas perfilham uma ideologia burguesa mas não revolucionária; eles "querem que o povo seja feliz mas não pensam em dar-lhe o poder".

[28] Sobre a violenta reacção à *Encyclopédie* desencadeada sobretudo pelo *Journal de Trévoux*, orgão oficial dos jesuítas, pela Sorbonne e pelos poderes estabelecidos, cf. Wilson (1957: 128-136).

Referimo-nos ao facto de a *Encyclopédie* ser uma obra feita no seu tempo, com impacto directo sobre os seus contemporâneos e capaz como porventura nenhuma outra antes dela de constituir o seu público. Nesse sentido, a previsão do leitor típico - elemento importante do ponto de vista do editor – vai determinar a adopção de uma linguagem mais ou menos acessível[29], a opção por um determinado nível de generalidade, por uma certa densidade de detalhe, etc. Questão que é, não apenas editorialmente relevante, mas epistemológica e politicamente significativa.

Se cada ciência particular exige a constituição de uma comunidade de pares sem a qual fica impossibilitada de confirmar os seus resultados, se o progresso das ciências desencadeia a constituição de comunidades progressivamente mais alargadas, a *Encyclopédie* visa chegar a todos aqueles que não são pares mas que, nem por isso, deixam de ter o direito de participar das aventuras colectivas da ciência e de receber os benefícios dos seus progressos; de todos aqueles que, nas condições em que lhes foi dado viver, nunca tiveram oportunidade para se constituírem como pares mas que, justamente por isso, a *Encyclopédie* tem como tarefa emancipar.

Digamos que, a uma *concepção teológica dos pares* que está subjacente à constituição de comunidades científicas especializadas (os pares são aqueles que estão mais próximos dos segredos de Deus), vai a *Encyclopédie* fazer corresponder uma *concepção emancipatória* que procura alargar a todos os homens as fronteiras da comunidade dos sábios. Este é o capital de saber que a humanidade alcançou. Vós leitores, podeis adquirir, fruir, multiplicar. Qualquer homem, todos os homens, podem ter acesso e aprender com a enciclopédia. A *EncYclopédie* é uma iniciativa que visa justamente fazer desses saberes um bem acessível a todos. Obra colectiva, a *Encyclopédie* é efectivamente construída e pensada para os "homens com que vivemos" (ibid.), ou seja, é imediatamente dirigida a um público de contemporâneos.
Que público é esse? Tratar-se-á tão só dos cerca de 2000 subscritores[30] que, na sequência da publicação do *Prospectus* de Diderot, em 1750, se comprometeram com a publicação da obra?

Não. O público da *Encyclopédie* é o público fiel que apoia a edição desde o primeiro momento, antes mesmo do primeiro volume ser publicado, que espera com ansiedade a publicação de cada novo volume, que o lê com expectativa, com um interesse redobrado à medida que a polémica se instala, que a perseguição se desencadeia. Personagem de um episódio célebre que dá bem conta do enorme apoio que a *Encyclopédie* recebeu por parte dos seus subscritores: na sequência do decreto de 8 de Março de 1759, decreto que proibia a continuação da publicação da obra e exigia do editor o reembolso dos subscritores, ninguém se apresentou para receber esse reembolso.

Público que esgota edições sucessivas. [31] Público maioritariamente proveniente das camadas burguesas que se preparam para a conquista do poder e que

[29] Trata-se, segundo Diderot, que se ocupa detalhadamente da tematização desta questão no artigo *encyclopédie*, de recusar a linguagem técnica e o jargão profissional mas, simultaneamente, de fornecer ao leitor uma terminologia e nomenclatura precisas que lhe permitam acompanhar os progressos da ciência do seu tempo (cf. ENC: 370-373).
[30] O que, como faz notar Habermas, constitui mais do dobro dos assinantes dos jornais mais lidos da época (1984: 308).

nela esperam encontrar formulações teóricas que respondam às suas necessidades económicas e anseios políticos. De facto, raramente uma obra respondeu como a *Encyclopédie* de forma tão ajustada aos interesses e reivindicações económicas de uma classe social, a burguesia ascendente e em breve triunfante que controla já os principais sectores da economia francesa (finanças, comércio marítimo, agricultura) e que, consciente da sua força e protagonismo na revolução industrial que se avizinha, apoia decisivamente as ideias de progresso e de valorização do trabalho que permitem antever uma nova ordem social capaz de dissolver os privilégios feudais da nobreza, terminar com os entraves corporativos, aduaneiros, comerciais, administrativos que bloqueiam as suas aspirações e capacidades económicas. Público já letrado, porventura mesmo esclarecido[32], verdadeira comunidade de gente de luzes, gente que se informa, que discute, que frequenta os cafés e as associações de leitura que acabavam de ser inventadas[33], que lê com aquela paixão da leitura tão característica da época iluminista.

Público vasto e heterogéneo. Diderot quer de facto chegar muito longe[34]. A sua ambição ultrapassa as fronteiras dos estados. Àqueles que contestam a utilidade de uma enciclopédia e a acusam de falta de patriotismo, ao divulgar junto das nações vizinhas, e porventura rivais, "as transacções secretas, as invenções, a indústria, os recursos, os mistérios, a luz, as artes e toda a sabedoria de uma nação" (ENC: 428), Diderot responde lembrando que cada estado "não ocupa senão um ponto sobre o globo e não dura senão um momento"(*ibid*), razão pela qual não é legítimo que se pretenda "sacrificar a esse ponto e a esse instante a felicidade dos séculos futuros e da espécie inteira"(*ibid*). A *Encyclopédie* não é um livro de Estado, nem defende a lógica dos Estados. "Dir-se-ia, ao ouvi-los, que uma enciclopédia bem feita, que uma história geral das artes, não deveria ser senão um grande manuscrito cuidadosamente fechado na biblioteca de um monarca e inacessível a outros olhos que não os seus. Um livro de Estado e não um livro do Povo" (ENC: 428).

Como Diderot acaba por reconhecer, o público a que a *Encyclopédie* se dirige é afinal o povo. Não o povo enquanto entidade mítica, ou enquanto massa isenta (destituída) de quaisquer ambições cognitivas ou políticas, mas o povo enquanto nova realidade sociopolítica, entidade anónima e indiscriminada, é certo, mas que visa aceder à posse de competências científicas universais. É justamente porque é o livro do povo, que a *Encyclopédie* deve "tratar de tudo o que diz respeito à curiosidade do homem em geral, aos seus deveres, às suas necessidades, aos seus prazeres" (ENC: 363), interpretar os seus desejos, dar conta dos seus valores, estar ao serviço do seu progresso, ocupar-se portanto,

---

[31] A *Encyclopédie* contou com sete edições até 1782, respectivamente a de Amsterdão (1776-1777), a de Genève (1771-1776), a de Lucques (1758-1776), a de Livourne (1770-1778), a de Neuchatel (1777-1779), a de Yverdon(1770-1780) e a de Berna (1772-1782).

[32] A expressão *"public éclairé"* é recorrente, por exemplo, no *Discours Préliminaire* (DP: 68).

[33] Como mostra Habermas (1984: 110-126), depois de Inglaterra (com Hobbes e Locke), é em França, em meados do século XVIII, que começa a emergir um público capaz de pensar politicamente, justamente o *public éclairé* a quem os enciclopedistas se dirigem e cuja consciência crítica ajudam a constituir.

[34] Para Diderot a *Encyclopédie* dirige-se tanto ao homem do povo como ao sábio. "o homem do povo e o sábio terão sempre algo que desejar e algo com que se instruir na *Encyclopédie"* (ENC: 374).

não apenas das *ciências* que os *sábios* fazem avançar, sobre as quais "escrevem, fazem valer as suas descobertas, contradizem, são contraditados" (ENC: 427), mas também das *artes e dos ofícios* a que se dedicam *artistas*, *artífices* e *artesãos*, homens "que vivem ignorados, obscuros, isolados" (ibid.), homens a quem a intolerância preconceituosa e tirânica retira prestígio, protagonismo e reconhecimento.

Assim se compreende por que razão o corpo da *Encyclopédie* se alarga ao balanço das actividades pacíficas e industriosas do génio humano, porque salienta as virtudes do trabalho nas suas diversas dimensões, porque revaloriza a obra do artesão atribuindo-lhe uma dignidade equivalente à do sábio ou do poeta. Como escreve D'Alembert, "a descoberta da bússola não terá sido menos vantajosa para o género humano que a explicação das propriedades dessa agulha pela física" (DP: 54). D'Alembert não podia pois senão lamentar que os nomes dos inventores das artes mecânicas fossem desconhecidos: "É verdade que a maior parte dessas artes foram inventadas pouco a pouco, que foi necessária uma muito longa fila de séculos para, por exemplo, fazer chegar os relógios ao ponto de perfeição em que hoje os vemos. Mas (pergunta), não é também isso que acontece com as ciências ? Quantas descobertas que imortalizaram os seus autores não tinham sido preparadas pelos trabalhos dos séculos precedentes, com muita frequência levadas à sua maturidade, ao ponto de não pedirem senão um passo para se realizarem ?" (DP: 55). Por seu lado, Diderot, assume-se como historiador desse trabalho até então considerado servil, afirma o seu valor civilizacional e a sua utilidade para a felicidade da humanidade, anuncia às classes trabalhadoras, gente anónima e humilhada, que vai erigir-lhes um monumento pela exposição dos conhecimentos que, generosa e silenciosamente, foram construindo ao longo dos séculos. Por isso Diderot decide instruir-se nas diversas artes e ofícios passando dias inteiros nos ateliers dos artesãos e nos novos espaços laborais da manufactura e da indústria nascente, examinando uma máquina com atenção, pedindo que lhe fosse explicada, desmontada, tornada a montar, que o trabalhador o ensinasse a trabalhar, que trabalhasse diante de si, que lhe fosse permitido substituí-lo. Ou seja, a *Encyclopédie* pensa o trabalho técnico, não já na sua significação teológica, como castigo divino, não ainda à moda romântica, como afastamento relativamente às inocentes tarefas agrícolas mediante as quais unicamente o homem é suposto viver em harmonia com a natureza[35], mas como forma de humanização progressiva do mundo inanimado. Nesse sentido, as artes mecânicas são exteriorizações do saber, prolongamentos práticos que permitem retirar da ciência toda a utilidade técnica de que ela é capaz, *frutos* portanto da *árvore* dos saberes que têm, de direito, o seu lugar na enciclopédica.

Em síntese, a *Encyclopédie* não se dirige a sujeitos solitários, cujo fundamento e identidade estaria na relação (agostiniana) com a divindade ou na relação (cartesiana) consigo próprios. A *Encyclopédie* visa esse sujeito relacional,

[35] Veja-se o caso de Rousseau que contrapõe ao seu ruralismo lírico uma atitude pessimista de condenação *avant-la-lettre* de toda a indústria nascente. Veja-se, por exemplo, a *"Septième Promenade" das Les Reveries du Promeneur Solitaire*, Rousseau (Oeuvres Complètes, 1959, vol. I: 1060-1073). Digamos que, mais lúcido que a *Encyclopédie*, Rousseau pressente de que modo o trabalho mecânico está prestes a tornar-se uma forma de alienação e opressão.

colectivo e anónimo que é o povo. Ora, a melhor maneira de servir o povo é restituir-lhe a palavra, dar voz às suas silenciosas actividades, dar corpo e visibilidade aos seus saberes milenários, ir ao encontro das suas aspirações, pôr à sua disposição todos os elementos informativos, críticos e doutrinais que lhe permitam ajuizar, ter opinião, participar, adquirir voz activa, ser cidadão. Que o povo encontre, nas páginas da *Encyclopédie* os elementos que lhe permitam reconhecer-se como público. Que o povo seja público, que o público seja *interlocutor*, que se constitua como *opinião pública*. E, para que isso seja possível, "é preciso divulgar todos os segredos sem nenhuma excepção" (ENC: 427), romper a barreira dos círculos restritos a que o conhecimento tem estado confinado - os salões, os cafés, as cidades - dar voz a quem sempre esteve arredado da palavra.

Afinal, o público a quem a *Encyclopédie* se dirige é um público que a *Encyclopédie* ajuda a constituir. Dos salões privados, aos cafés abertos a qualquer cliente, das sociedades científicas e literárias destinadas a membros eleitos, cooptados, aceites ou associados, aos grupos de leitores assíduos das revistas e dos jornais, compreende-se que a enciclopédia se ofereça e constitua como espaço público por excelência. Ela devolve à humanidade inteira, a quem se dirige, o património universal da razão que em si contém.

Disso, pelo menos, todos lhe somos devedores.

***

7ª Razão (extra-programa) – o movimento iniciado por Diderot e D'Alembert (ou terá sido desencadeado, estimulado, animado, modelado, construído, arquitectado, fabricado?) prolonga-se até hoje. Curiosamente, espantosamente, insuspeitadamente, a partir do final do século XX a encilopédia teve um desenvolvimento que nada fazia prever. Referimo-nos ao hipertexto e à World Wide Web que hoje determinam, em tão grande parte, a nossa vida e o nosso modo de produzir e fazer circular o conhecimento e que, afinal, se inscrevem de forma directa na história da enciclopédia. Que é hoje a WWW senão uma imensa enciclopédia ?[36]

[36] Para maiores desenvolvimentos sobre este tema, vejam-se os nossos estudos, Pombo, O. (2006) - *Enciclopédia e Hipertexto*. *O Projecto* e *Para uma História da Ideia de Enciclopédia,* in *Enciclopédia e Hipertexto*, co-editado com António Guerreiro e António Franco Alexandre, Lisboa: Editora Duarte Reis, respectivamente, pp.180-193 e pp.194-251. Desses estudos publicámos como versões online *Enciclopédia e Hipertexto. Ponto de partida* http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/enciclopedia/presentefuturo.pdf(http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/ency.htm#hipótese), *O Projecto Enciclopedista* http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/enciclopedia/presentefuturo.pdf(http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/enciclopedia/cap1p1/palavra.htm), P*ara uma História da Ideia de Enciclopédia. Alguns Exemplos* (http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/enciclopedia/cap2p1/antclass.htm) e *O Hipertexto como Limite da Ideia e Enciclopédia* (http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/enciclopedia/presentefuturo.pdf)

Referencias bibliográficas

Beaune, J.-C., (1985),“L'Encyclopédie. Autre Raison, Autre Science“, Milieux. L' *Encyclopédie ou la Méchanique dans le Boudoir*, 19 / 20: 21-33.

D'Alembert (1965), *Discours Préliminaire de L'Enciclopedie*. Paris: Gonthier.

Diderot, (1994), *Oeuvres complètes de Diderot*, Paris: Robert Laffont.

Diderot e D'Alembert, (edrs), (1751-1765), E*ncyclopédie ou Diccionaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers, par une Société de Gens de Lettres, mis en ordre et Publiée par M. Diderot, de l'Académie Royale des Sciences et Belles-Lettres de Prusse, et Quant à la partie Mathématique par M. D'Alembert, de l'Académie Royale des Sciences de Paris, de celle de Prusse et de la Société Royale de Londres*, 28vols., Paris: Le Breton / Briasson / Durand.

Habermas, J., (1984), *Strukturwandel der oeffentlichkeit* (trad. port. de Eduardo Portela, E. Carneiro Lobo e Wamireh Chacon, “Mudança Estrutural da Esfera Pública“), Rio de Janeiro: Tempo brasileiro.

Hazard, P., (1963), *La Pensée Européenne au XVIII ème siècle. De Montesquieu à Lessing*, Paris: Fayard.

Larousse, P., (1866-1890), *Grand Dictionnaire Universel du XIX siècle. Français, Historique, Geographique, Mythologique, Bibliographique, Littéraire, Artistique, Scientifique, etc., etc.*, Paris: Librairie Classique Larousse et Boyer.

Lessing, (1780), *Die Erziehung des Menschengeschlechts*, (trad. franc. e pref. de Pierre Grappin, “L' Éducation du Genre Humain“), Paris: Aubier, (1946).

Pombo, O. (2006) - *Enciclopédia e Hipertexto*. *O Projecto,* in *Enciclopédia e Hipertexto*, O. Pombo, A. Guerreiro e A. F. Alexandre (edrs), Lisboa: Editora Duarte Reis, pp. 180-193

Pombo, O. (2006) - *Para uma História da Ideia de Enciclopédia,* in *Enciclopédia e Hipertexto*, O. Pombo, A. Guerreiro e A. F. Alexandre (edrs), Lisboa: Editora Duarte Reis, pp. 194-251.

Pons, A. (ed.)(1963), *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, Paris: Bussière.

Proust, J., (1962), *Diderot et l' Encyclopédie*, Paris: Albin Michel.

Rousseau, J.J., (1959), *Oeuvres Complètes*, 3 vols, Paris: Gallimard / Bibliothèque de la Pleiade.

Starobinsky, J., (1970), “Remarques sur l' Encyclopédie“, *Revue de Métaphisique et de Morale*, 75, 3, 284-291.

Voltaire, (1825), ‘‘Lettre au Prince de Brunswick sur l'Encyclopédie‘‘, in *Oeuvres complètes de Voltaire*, vol II, 368-372, Paris: Baudouin Frères.

Wilson, A.M., (1957), *Diderot. Sa Vie et son Oeuvre* (trad. franc. de Gilles Chahine, Annette Lorenceau e Anne Villelaur), Paris: Robert Laffont (1985).